

## INFÂNCIAS, NARRATIVAS E VISUALIDADES: O QUE NARRAM AS CRIANÇAS NO INSTAGRAM E WHATSAPP?

## CHILDHOODS, NARRATIVES AND VISUALITIES: WHAT DO CHILDREN TELL ON INSTAGRAM AND WHATSAPP?

Tesista: Érica Rivas Gatto<sup>1</sup>

Nombre del Programa/Universidad: Doctorado en Educación/ Programa de Postgrado en Educación , Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Brasil.

Director: Dra. Adriana Hoffmann Fernandes (UNIRIO).

Jurado Evaluador: Dra. Adrienne Ogeda (UNIRIO); Dra. Carmen Sanches Sampaio (UNIRIO); Dra. Helenice Cassino (UERJ); Dr. Tiago Ribeiro da Silva (UNR – Argentina) y Suplentes: Dra. Claudia Miranda (UNIRIO) y Dra. Dagmar Mello e Silva (UFF).

Fecha de Defensa: 06 de setembro de 2021.

“*Que provocações as narrativas nos endereçam?*” (Ribeiro, 2019, p. 106). Tiago Ribeiro me interpela com essa questão, fazendo refletir sobre a possibilidade de criação, de transbordamentos, de nos tornarmos humanos. E sendo humanos, podemos morder as palavras sem pressa, como sugere Evaristo no poema “Da calma e do silêncio” (Evaristo, 2017). Ao lançar-me nas narrativas das crianças, compreendo que a narrativa é concebida na relação com o próprio ato de narrar. Recorrendo à semântica da palavra (Houaiss, 2021), percebemos que ela está relacionada ao contar, expor narrando, dar a saber, e esses episódios em que esse ato se insere abrangem os fatos reais e imaginários e são descritos por meio da oralidade, da escrita, gestos, expressões e pelas visualidades. Ela transcorre com o criativo, com o movimento do narrar-se e constituir-se na narração. Sinto que as narrativas me convidam a repensar o contexto em que vivemos, as certezas que tentam nos impor e as *escrevivências*<sup>2</sup> que nos formam, nos transformam e nos fazem ressignificar o já vivido.

No cenário atual, as relações das crianças com as telas, principalmente com os dispositivos móveis, nos instigam a pensar sobre as infâncias contemporâneas. A partir de um grupo de crianças, de suas visualidades compartilhadas no Instagram e interações em um grupo no aplicativo de conversa WhatsApp, o estudo investigou

o que é viver as infâncias e ser criança na atualidade, pelos olhares das próprias crianças através de suas narrativas e práticas realizadas no contexto da Cultura Visual.

Ao compreender que as infâncias perpassam por acontecimentos que, por vezes, nos escapam, que podem ser invisibilizados, mesmo nas pesquisas com crianças, o estudo provocou reverberar a autoria das crianças, as quais recriam e atribuem sentidos outros às narrativas e às visualidades presentes na sociedade. Entendendo que a visão é a consequência de processos culturais e, desta forma, estudar aspectos da Cultura Visual é também refletir sobre o que é invisível na sociedade contemporânea, a partir da perspectiva da pesquisa narrativa e da conversa como potência, na pesquisa, compreendi que as visualidades com as quais nos relacionamos cotidianamente inspiram fios de narrativas e entrelaçam vínculos com a memória.

A escolha de metodologias que favorecessem a escuta dos sujeitos foi uma opção ética no percurso do estudo. Dessa maneira e alicerçados nas experiências da nossa infância, bem como refletindo sobre as infâncias atuais, suas práticas, culturas e narrativas, pudemos supor que as crianças da pesquisa, além de estarem imersas, participando da cultura visual, criam estratégias e habilidades para pertencerem a essa cultura, priorizando a experiência cotidiana do visual em suas práticas e narrativas. Partindo do pressuposto de que as visualidades contemporâneas atuam nas nossas relações e elaborações de conhecimentos sobre o mundo, foram traçados como objetivos gerais para o estudo: i) Refletir sobre as experiências, visualidades e relações alteritárias das infâncias através de narrativas das crianças no Instagram e WhatsApp, destacando considerações sobre os modos pelos quais as crianças narram com visualidades sobre seus cotidianos e dialogam nesses espaços, bem como ii) perceber a influência da cultura visual no imaginário infantil.

Na construção da pesquisa, cada escolha é um novo caminho a seguir, e esse trajeto transforma-se ao longo do percurso. Diante dessas reflexões, algumas questões emergiram, dentre elas: Quais assuntos estão presentes nas narrativas das crianças nas redes? Esses temas aparecem a partir das relações tecidas nas redes sociais? De que modo? Surgem a partir das relações com os seus seguidores e/ ou das experiências cotidianas? Afinal, que crianças são essas que interagem nos espaços do Instagram e WhatsApp? Como as narrativas e as relações de alteridade constituem a infância das crianças da pesquisa e constroem, através das suas visualidades, a imagem de infância delas? Essas e outras questões potencializaram as reflexões e convidaram o leitor a andarilhar pelas experiências cotidianas e perceber práticas culturais tecidas pelas crianças, através das histórias narradas pelas visualidades compartilhadas.

Nessa perspectiva, como falar de pesquisa com as narrativas das crianças nesse momento tão complexo? Como escrever uma tese diante de tanto luto? Evaristo convida à reflexão em seu poema *Ao escrever*, quando afirma que “*Ao escrever a dor, sozinha, buscando a ressonância do outro em mim há neste constante movimento a ilusão-esperança da dupla sonância nossa*” (Evaristo, 2017, p. 90). Penso que ao *escrever* e conversar com os materiais da pesquisa nesse momento em que nos encontramos devastados pelo contexto pandêmico - seja pelo luto de vidas perdidas, quanto pela situação política e econômica em que se encontra o Brasil atualmente -, além de desafiante, é provocador, e se trata de uma convocação ao sentir e narrar sobre as existências, elaborações de si, das infâncias e dos contextos.

Neste caminhar, provo-co-me a refletir sobre as infâncias na contemporaneidade no cenário do campo da pesquisa, anterior ao pandêmico, como também durante o processo de amadurecimento do estudo, no momento da escrita desse texto que ocorreu em plena pandemia. Como diz Krenak (2020, p. 81), “é terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo (...)”. O autor lembra que “O mundo está agora numa suspensão. E não sei se vamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos”. Assim como na vida, na conversa e na pesquisa, não sabemos em que lugar iremos parar.

Sobretudo na perspectiva da pandemia de covid-19, observo e sinto, de forma mais próxima, os usos e habilidades das crianças na conjuntura da cultura visual e nas relações de consumo. Ao mesmo tempo em que pesquiso com as crianças nesse contexto, sou mãe e professora de crianças e, dessa forma, relaciono-me frequentemente com a constituição das culturas das infâncias na visualidade e as suas narrativas. Nessa circunstância, verifica-se a aceleração dos contatos comunicativos entre as crianças que estão constantemente reunidas e ligadas pelas mensagens com visualidades, sons e textos, através do WhatsApp ou pelas redes sociais, como o Instagram. No escrever o texto da pesquisa, não somente apresentei e conversei com as visualidades e narrativas das crianças no Instagram e WhatsApp; também narrei e me constituí enquanto pesquisadora, materializando na escrita o que senti a partir da criança que fui e das infâncias contemporâneas.

Nos atuais estudos da infância, é preciso ir além da história da ideia de infância e refletir sobre as mudanças históricas, da construção da infância como categoria e, principalmente, a respeito das singularidades infantis. Refletir sobre uma história única das infâncias é preciso. Ao falar em sua célebre conferência sobre o perigo de uma história única, Chimamanda Ngozi Aitchie (2009) aponta que as histórias únicas criam estereótipos, assim como é necessário pensar sobre a deslegitimação da produção das crianças, bem como de suas falas, principalmente em tempos de

emergências como os que vivemos atualmente.

Bell Hooks (2017, p. 232) já ressaltava que podemos “(...) aprender não só com os espaços de fala, mas também com os espaços de silêncio (...)”. Nesse sentido, penso que conviver com os silêncios torna-se também necessário durante os processos dolorosos. Como exprime Mello, “Faz escuro mas eu canto porque a manhã vai chegar” (2017, p. 33). Os olhares, inicialmente assustados, que por cima das máscaras demonstravam angústia e dor, agora já conseguem ensaiar um sorriso, e, no pesquisar, nesse momento, revela-se um pouco desse desafio, de perceber as inúmeras sutilezas dos cotidianos, permitir-se experienciar e não cessar de tecer as muitas redes que constroem a pesquisa.

Nessa lógica, as crianças, sujeitos desse estudo, nos abriram possibilidades de nos tornarmos outros em relação a nós mesmos, de compreendermos a pesquisa como um processo pleno de encontros e desencontros com sujeitos, imagens, palavras e silêncios. Dessa maneira, podemos supor que as crianças da pesquisa, além de estarem imersas participando da cultura visual, criam estratégias e habilidades para pertencerem a essa cultura, priorizando a experiência cotidiana do visual em suas práticas e narrativas.

Enquanto pesquisadora e professora, busco, na observação das interações das crianças nas redes, compreender e conhecer esses sujeitos através do ato de narrar. Desse modo, o que nos abre de possibilidades esses encontros, essas conversas, essas relações com as crianças e infâncias contemporâneas? A pluralização de olhares, a possibilidade de ver mundos plurais, dentro desse mundo singular que experienciamos. É preciso ir além da nossa maneira trivial de ver. Esse é o desafio da conversa e da narrativa. Levando em consideração esses aspectos, o que as reflexões trazidas nessa pesquisa podem nos fazer pensar e relacionar com o nosso papel enquanto educadores e pesquisadores? Qual o lugar da educação na conversa entre as crianças, o consumo no Instagram e suas visualidades? As narrativas e visualidades infantis compartilhadas no Instagram e suas conversas no WhatsApp são menores/inferiores do que aquelas realizadas no espaço escolar? O propósito não é respondê-las nesse momento, contudo deixá-las palpitar e amadurecer os pensamentos, questionamentos e reflexões sobre as infâncias contemporâneas.

**Palavras- chave:** infâncias contemporâneas; narrativas; visualidades.

## Notas

<sup>1</sup>Doctora em Educación (UNIRIO). Magister em Educación (UNIRIO). Licenciada em Pedagogía (UERJ) Y Profesora em el Colegio Pedro II – Brasil.

<sup>2</sup> Em sua dissertação de mestrado (Brito, M. C. E. de; Coco, P. M. A. Literatura negra. uma poética de nossa afro-brasilidade. [recurso eletrônico] :[S. l.: s. n.]. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=cat06910a&AN=puc.186946&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 5 jun. 2021.), Evaristo trabalhou o conceito de Escrivência a partir do ato de escrita de mulheres negras. Neste estudo, entendo que o conceito extrapola as marcações e será assumido como *uma escrita de nós* (para maiores detalhes, ver livro organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes nas referências desta tese).

### Referências Bibliográficas

Adichie, Chimamanda Ngozi. (2009). *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras.

Evaristo, Conceição. (2017). *Poemas da Recordação e outros movimentos*. 3.ed. Rio de Janeiro: Malê.

Hooks, Bell. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Krenak, Ailton. (2020). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Mello, Thiago de. (2017). *Faz escuro, mas eu canto: porque amanhã vai chegar*. São Paulo: Global. 24. ed.

Ribeiro, Tiago. (2019). *Por uma alfabetização sem cartilha: narrativas e experiências compartilhadas no fórum de alfabetização, leitura e escrita da UNIRIO*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação.